

## **“Gilda”: vivendo sob o preconceito numa cidade provinciana, um sim a vida**

Maria Ighes Mancini de Boni\*

**Resumo:** O presente trabalho parte da biografia de Rubens Aparecido Rique ou “Gilda” que viveu em Curitiba na segunda metade do século XX e sempre foi visto como um ser excêntrico, folclórico e louco. Longe de vê-lo dessa forma, pensar a vida de “Gilda” acompanhada de Foucault permite um aprofundamento nas questões da sexualidade, vendo-as como estética da existência. Seu jeito de tratar as pessoas de forma direta e franca mesmo correndo riscos como o de ser maltratado não apenas verbalmente como também fisicamente (inclusive pela polícia) permite mostrar como esse personagem reciou sua trajetória que pode ser percebida como técnica de subjetivação, num processo de invenção de um novo modo de existir. Moldou sua vida a partir de critérios próprios que demonstravam seu compromisso ético com o presente que vivia.

**Palavras-chave:** estética da existência, subjetivação, preconceito

## **“Gilda”: living under prejudice in an interior city: a yes to life**

**Abstract:** The biography of Rubens Aparecido Rique, also known as “Gilda” is the reference for this paper. He lived in Curitiba in the second half of the twentieth century and was always seen as an eccentric, folkloric and insane person. Far from regarding him this way, to think Gilda through the eyes of Foucault allows a deep approach on sexuality as aesthetics of existence. His straight and frank way of relating with people, at risk of verbal and physical abuse, even by the police, allows us to show how he reinvented his life that may be understood as subjectivation technique, in a process of recreating a way of life. He conducted his life based on his own criteria, showing his ethical commitment to his living present.

**Key-words:** esthetics of existence, subjectivation, prejudice.

Os últimos estudos de Michel Foucault revelam sua preocupação com a questão da sexualidade no mundo ocidental de forma diversa da Sociologia, Filosofia, Biologia, Sexologia e demais ciências. A ele interessava entender a maneira como nos subjetivamos, ou seja, como praticamos as formas de atividades sobre nós mesmos e nos tornamos sujeitos de desejo, pois via que, diferentemente de outras interdições, “as proibições sexuais estão continuamente relacionadas com a obrigação de dizer a verdade sobre si mesmo” (FOUCAULT 1991,p.45) ou “por que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a eles relacionados são objeto de uma preocupação moral”.( FOUCAULT,1984 p.14)

---

\* Universidade Tuiuti do Paraná. Doutora em Historia

Buscando em textos prescritivos da Antiguidade, Foucault reelabora e cria conceitos como ética, estética da existência, moral e tecnologias do eu. Em suas palavras, ética deixa de ser o estudo dos juízos morais referentes a conduta humana para ser o modo “como o individuo se constitui a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações.” (FOUCAULT, apud RABINOW, 1984,p.228). O termo ética se refere a todo esse domínio da constituição de si mesmo como sujeito moral; faz referencia a relação consigo mesmo; é uma pratica, um ethos um modo de ser.

Estética da existência deve ser entendida como “praticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram transformar-se, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”.(FOUCAULT, 1984 p.15).

Para trabalhar com estas praticas, segundo o autor, é preciso ter em mente uma ressignificação do conceito de moral que ele entende de dois modos, o primeiro como um “conjunto de valores e regras que são propostos aos indivíduos e aos grupos, de maneira mais ou menos explícita, por diferentes aparatos prescritivos (a família, as instituições educativas, as igrejas, etc)”, o segundo “como os comportamentos morais dos indivíduos na medida em que se adequam ou não as regras que lhes são impostas.Ou seja, um código moral e uma moralidade de comportamentos.”(FOUCAULT,1984, P.26)

No entendimento da subjetivação que resultou no sujeito moderno, Foucault analisa um conjunto de tecnologias, cada uma delas representando uma matriz prática, a saber, as tecnologias de produção; as tecnologias de sistemas de signos, as tecnologias de poder e as tecnologias do eu. Para este estudo, interessam mais de perto as tecnologias do poder:”...que determinam a conduta dos indivíduos, submetem-nos a certos tipos de fins ou de dominação, e consistem numa objetivação do sujeito”; e tecnologias do eu , são as tecnologias que

*permitem que os indivíduos efetuem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo numero de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta ou qualquer forma de ser, obtendo, assim, uma transformação de si mesmo, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria e imortalidade.(FOUCAULT, 1991, p.48)*

Com base nestes conceitos acompanhamos a trajetória de “Gilda” e sua passagem por Curitiba, nos anos de 1970/1983.

Curitiba, capital do Paraná, teve a partir dos anos 1970 um surto de remodelação urbana, como outros que já haviam ocorrido, mas que traz em seu bojo uma tentativa de transforma-la em exemplo para outras cidades. A história dessa remodelação tem início ainda na década anterior quando os eventos de 1964 encontram uma cidade tipicamente classe média, com expressivo contingente universitário, pois não havia universidades no interior do estado. Contudo esses universitários não tiveram força para mudar a sociedade.

A cidade que na década de 1950 havia elegido Plínio Salgado como candidato mais votado nas eleições presidenciais de 1955, confirma sua visão conservadora ao permitir que o Movimento TFP (Tradição, Família e Propriedade) ganhasse as ruas para defender uma sociedade organizada sob preceitos cristãos e baseada em um governo forte o suficiente para impor a moralização social.

O então prefeito Ivo Arzua Pereira, em 1965 cria o IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano) com o objetivo de planejar, ordenar e orientar o crescimento da cidade, que possuía uma população de 609.026 habitantes (IBGE, 1983) e chama o jovem arquiteto Jaime Lerner para coordenar o Plano Diretor da cidade. Jaime Lerner filia-se a ARENA e em 1971 é indicado como prefeito biônico. Na continuidade, Lerner é indicado novamente em 1979 e eleito em 1989.(RONCAGLIO, 2000)

A “Cidade Sorriso” passa então por alterações físicas que transformam suas feições. Mas estas feições segundo Santos “ocultam cidades que demarcam diferentes momentos de sua história, embora uma memória oficial encarregue-se de conservar alguns marcos do passado”. (SANTOS, 1998,p.79) As alterações propostas visavam a construção de uma urbe que transformasse a velha Curitiba provinciana em uma cidade moderna, voltada para o século XXI , a cidade modelo de um Brasil viável.

No entanto, apesar do número de habitantes, a vida curitibana resumia-se nesta época a RUA XV de Novembro, onde tudo acontecia, e Av. LUIS XAVIER, espaço que vai ser conhecido como “BOCA MALDITA”, e as mudanças começam por ali, quando recupera-se o antigo nome de Rua das Flores e a via é transformada em um calçadão apenas para pedestres (até bicicletas foram proibidas) e num espaço de diversas quadras recebe jardineiras floridas e quiosques de venda de flores.

As três gestões de Lerner foram pautadas por obras que revolucionaram a arquitetura dos edifícios. Construiu um sistema viário com canaletas exclusivas para ônibus, estações tubo, sistema único de passagens, ciclovias que cruzavam a cidade. Limpou e alargou ruas; melhorou a coleta de lixo, instituindo a coleta seletiva. Converteu uma velha pedreira em local de espetáculos, ao qual deu nome do poeta Paulo Leminski. Recuperou o antigo Paiol de

Pólvora transformando-o em teatro. Velhos ônibus foram usados nas Linhas de Ofício; revitalizou praças e espalhou parques pela cidade. Edificou a Ópera de Arame, no meio da mata, bela no visual mas ruim de acústica; criou o Jardim Botânico. No Centro Histórico instalou o Relógio das Flores, que constituído de flores da estação, ao marcar o tempo curitibano também marca seus atrasos e paradas.

A Cidade Sorriso recebe outros cognomes como Cidade Modelo; Cidade Laboratório; Capital Ecológica ou, como quer uma autora, Cidade Espetáculo. A classe média vai ao delírio, pois deixava-se para traz o “complexo de comarcões” que acompanhava os curitibanos.

Por outro lado a propaganda aliada ao êxodo rural trouxe para a cidade grandes levas de migrantes, formando vários pontos de favelização, atingindo a cifra de um milhão de habitantes.

Se a classe média exultava de satisfação, vozes dissonantes se faziam ouvir não apenas pela oposição ao prefeito, mas também por escritores e jornalistas, como Wilson Martins que dizia Curitiba ser “classe média em tudo”, ou Aramis Millarch, ao comentar a suposta exigência do público curitibano, “O público de Curitiba não é exigente nem culto” ou ainda Dalton Trevisan que escreveu:

*Que Fim o Cara você deu a minha cidade  
A outra sem casas demais sem carros demais  
Sem gente demais  
O Senhor sem chatos demais.*  
...  
*nesse teu calçadão de muito efeito na foto colorida  
não se dá um passo sem escorregar em três*  
...  
*uma das três cidades do mundo de melhor qualidade de  
antes ou depois de Roma  
segundo uma comissão do ONU  
ora o que significa uma comissão da ONU  
não me façam rir curitibocas  
nem sejam a esse ponto desfrutáveis*  
...  
*Curitiba européia de primeiro mundo  
Cinquenta buracos por pessoa em toda calçada  
Curitiba alegre do povo feliz  
Essa é a cidade irreal da propaganda  
Ninguém viu nem sabe onde fica  
Falso produto de marketing político  
Ópera bufa de nuvem fraude de arame  
Cidade alegíssima de mentirinha  
Povo felicíssimo sem rosto sem direito sem pão  
Dessa Curitiba não me ufano  
Não Curitiba não é uma festa*  
...  
*Nada como tua Curitiba oficial enjoadinha narcisista  
Toda de acrílico azul para turista ver*  
...

*Essa tua cidade não é minha  
Bicho daqui não sou  
...  
Curitiba foi não e mais.  
(TREVISAN,1992)*

A cidade transformava-se vertiginosamente, mas não a sociedade, e neste ambiente controvertido na Rua XV aparece a figura de Rubens Aparecido Rinque.

Rubens Rinque nasceu em Ibiporã /PR em 1950 e deve ter vindo a Curitiba em 1970 com as levas de migrantes em busca de um novo espaço para viver. Morreu em 1983, e embora a maior parte da população sequer tenha ouvido alguma referencia a ele, muitos curitibanos ainda guardam na lembrança o personagem “Gilda” como se auto denominava. Ainda faz parte do imaginário dos poucos que ouviram falar ou tiveram contato com ele. Foi execrado por muitos, mas para outros era a “alegria da XV”.

De temperamento forte e franco, vestia-se de mulher e sua sobrevivência nas ruas se dava às custas de pequenas chantagens, as quais praticava com muita irreverência. “Uma moeda ou um beijo” era seu mote de aproximação, constrangendo o cidadão abordado, diante dos transeuntes que paravam para aguardar o desfecho. Também usava o subterfúgio de, a mando de alguém, amigo ou inimigo do cidadão desatento, aplicar-lhe um sonoro beijo; o que lhe resultou em inúmeras corridas para fugir da sanha de suas vítimas.

Senhores da mais ilibada moral eram seus alvos preferidos, que irados e pasmos pediam ação da policia contra aquele individuo abusado. As ações de “Gilda” incomodavam os senhores que freqüentavam o espaço denominado Boca Maldita, que se dizia tribuna independente de Curitiba, onde se reuniam cidadãos aposentados ou desocupados para olhar as moças que por ali transitavam, falar de política e falar mal dos desafetos. Seu líder era Anfrísio Siqueira, que institucionalizou a Boca onde inclusive distribuía comendas a seus freqüentadores, desviando-se dos propósitos iniciais de jogar conversa fora. Neste espaço institucionalizado, Gilda era *persona non grata*.

Mas Gilda tinha também admiradores que a consideravam rainha da Rua XV, onde reinou alegre por vários anos. Gostava de dançar na frente de lojas de discos, divertindo os transeuntes da cidade que adotou. Nas estréias teatrais ou de filmes postava-se à porta dos estabelecimentos, dançando e se exibindo numa espécie de avant-premiere.( COSTA, 2000). Quando vestido de mulher, brincava de streep-tease, choviam moedas atiradas pelos estudantes que a assistiam. Adorava um fotógrafo e sempre que podia exhibia-se para suas lentes.

Como dito acima, Gilda era *persona non grata* na Boca Maldita, onde foi criada uma Banda Polaca que sairia no Carnaval de 1981 e previa-se a irreverente “Gilda” dançando na Banda. Para evitar sua presença, o cidadão foi preso e assim permaneceu durante todo o carnaval, e muito se falou que foi a mando de Anfrísio Siqueira. Como reação, o Bloco do Cadáver, um dos blocos que desfilava antes das escolas de samba, usou o tema e procedeu o enterro simbólico do Sr. Siqueira na Avenida. Também a prisão arbitrária pela Delegacia de Costumes desencadeou uma onda de protestos em setores da sociedade. Rubens inicia na prisão uma greve de fome e, debilitado, foi transferido às pressas e em sigilo para um Hospital Psiquiátrico da cidade.

A Imprensa questionava a retirada de “Gilda” de circulação (para não atrapalhar a Banda Polaca) e estranhava as vistas grossas que a polícia fazia em relação aos guarda-costas da Banda, muitos conhecidos como baderneiros da cidade. (COSTA, 2000). Em 1982, Gilda sofreu um atentado a tiros e, embora tendo conseguido escapar, um dos tiros atingiu uma jovem estudante que ficou parálitica. Foi aberto um processo, mas não se descobriu o autor dos disparos.

Este cidadão foi taxado de bicha, travesti, homossexual, veado, gay, maluco, como também recebeu o título de alegria do carnaval, rapaz alegre, figura folclórica, e foi alvo de diversas homenagens, como em 1982, a do Bar Bife Sujo, reduto de intelectuais da época, que fez desfilar um Bloco de Sujos, cujo tema era “Gilda”, e trazia o próprio como porta estandarte. Um Obelisco que existia na rua XV foi durante algum tempo seu marco de glória.

Mas ainda em 1982, uma reportagem do Jornal Diário do Paraná, o denominava figura folclórica de Curitiba, não somente pelas suas andanças pela Boca Maldita e rua XV de Novembro, mas também por suas participações nos fracos carnavais curitibanos, animando os foliões. Nesta matéria, relatava-se a miséria em que Rubens estava vivendo, numa situação lamentável, sem roupas, dormindo nas praças, com enfermidades sem condição de tratamento. Desde a mudança do Albergue Noturno, do centro da cidade, dormia ao relento, sob marquises, vivendo como mendigo, os cabelos em desalinho, mal cheiroso, vestidos e calças esfarrapadas. No entanto continuava a circular pela cidade, maltrapilho e apresentando alguns sinais de debilidade.(DIÁRIO DO PARANÁ,1982)

A matéria relatava também que todas as noites uma kombi da Secretaria de Saúde passava pelas praças recolhendo os mendigos que dormiam nos bancos, mas que não o recolhia, deixando-o ao relento.

Mas “Gilda” pretendia ainda brincar o próximo carnaval, embora temesse ser preso como anteriormente, já que se anunciava um arrastão da polícia para antes do reinado de

momo. O argumento era que, como havia dançado nos comícios dos candidatos a governador (Jose Richa e Saul Raiz) sem ser importunada, esperava o mesmo acontecer.

Morreu em 15 de março de 1983. Foi encontrado morto em uma casa abandonada. Causa Mortis- meningite, cirrose hepática e bronco pneumonia, mas a população das ruas falava em espancamento na noite anterior, e que a faixa que portava na cabeça, no caixão, era para esconder as marcas da agressão. No dia seguinte a sua morte uma reportagem da Folha de Curitiba lembra declarações de “Gilda” como o de ser o primeiro gay desta cidade, no sentido de rapaz alegre, e frases como “ Não sou de transar com gente do mesmo sexo. Tenho vontade de me travestir, travisto-me e curto o lance na maior. Pena que nem todos me compreendam”.Recebeu diversas homenagens, inclusive no Obelisco, que ao fim de alguns dias foi retirado a mando de Anfrísio Siqueira. Foi também homenageado em anos subsequentes por grupos teatrais; em 1995 com um conto do escritor Wilson Bueno, publicado no jornal Gazeta do Povo com o título de “Viado”, no qual ele revive a história de “Gilda”, seu comportamento, suas artimanhas e façanhas na Boca Maldita.(GAZETA DO POVO,1995)

Mas outras falas também se ouviram, quando se aventou a hipótese de colocar o nome de “Gilda” em uma placa de bronze no Obelisco, como “certas pessoas só querem aparecer, mesmo que para isso tenham que usar um defunto”; “tudo o que aconteceu é uma vergonha para Curitiba. A Gilda eu conheci, era um pústula, sifilítico, um bêbado que vivia provocando as mocas “; “Gilda tinha que ser internada, ela tinha que morar num hospital” ou ainda, “não tenho nada contra a Gilda, muito pelo contrario, mas homenagem a troco de que?” (COSTA, 2000). Enfim “Gilda era a encarnação do paradoxo da cidade.

Um estudioso comenta que

*levou facada, escapou de morrer enforcado por um mendigo, foi espancado diversas vezes, levou tiro, mas nunca reagiu com a mesma violência. Suas passagens pela polícia registram desacato as autoridades, atentado ao pudor, vadiagem, alcoolismo, e outras transgressões. Não há registro de casos graves envolvendo seu nome”. (COSTA, 2000,p.32)*

Ele apenas gostava de afrontar a sociedade curitibana que se queria moderna e perfeita e por isso foi alvo de vigilância e perseguição. Desmascarou a hipocrisia com sua “arte da existência”.

“Gilda” é um personagem interessante de ser estudado se aliada a sua biografia, e independente de sua sexualidade, estudar-se a moral da cidade que a acolheu, as relações de poder e por que não sua ética, sua subjetividade e sua arte de viver.

Embora vivendo numa cidade preconceituosa, provinciana, enfrenta o poder estatizado, a polícia, o institucionalizado “Boca Maldita”, e as suas próprias condições econômicas adversas para “curtir” seu gosto em travestir-se e divertir-se. Não se vinculou às regras dos cidadãos ilibados, comendadores da Boca, mas às suas próprias, naquilo que Foucault entende por estética da existência, ou uma maneira de viver na qual o valor moral não provem da conformidade com um código de comportamentos nem de um trabalho de purificação, mas de certos princípios formais e gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa na hierarquia que se respeita. (FOUCAULT, 1984)

Rubens Rinke fez de sua vida um reflexo de liberdade que percebia como jogo de poder. Ele apenas gostava de afrontar a sociedade curitibana que se queria moderna e perfeita e por isso foi alvo de vigilância e perseguição. Desmascarou a hipocrisia com sua “arte da existência”.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Anuario 1983.
- COSTA, O.S. **Gilda, um olhar sobre a cidade**. Curitiba: UTP, 2000. (mimeo)
- FOUCAULT, M. **Historia da Sexualidade 2**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. Deux essais sur le sujet et le pouvoir. IN. DREYFUS, H., RABINOW, P. **Michel Foucault: um parcours philosophique**. Paris: Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, M. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991
- FOLHA DE CURITIBA, 16/03/1983
- GAZETA DO POVO, 28/07, 1995
- RONCAGLIO, C. **Historia Administrativa do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000
- SANTOS, A.C.A. **Memórias e cidade**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997
- TREVISAN, D. Curitiba Revisitada. IN: TREVISAN, D. **Em Busca da Curitiba Perdida**. Rio de Janeiro, Record, 1992

## JORNAIS CONSULTADOS

- DIÁRIO DO PARANÁ
- FOLHA DE CURITIBA
- GAZETA DO POVO
- O ESTADO DO PARANÁ
- TRIBUNA DO PARANÁ